



## A EVOLUÇÃO DA CAVALARIA MECANIZADA BRASILEIRA APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL<sup>1</sup>

Éverton Ibarra de Paula

**Resumo:** A Cavalaria Mecanizada é doutrinariamente uma fração do Exército Brasileiro, que possui como missão principal o reconhecimento e a segurança em proveito do seu escalão enquadrante. Para cumprir suas missões, essa fração é equipada e instruída de maneira bem peculiar, o que lhe impõe características igualmente peculiares. O presente trabalho busca entender como surgiu no âmbito do Exército Brasileiro a atual Cavalaria Mecanizada, buscando desde a Segunda Guerra Mundial, onde julgou-se ser o embrião da mesma, o 1º Esquadrão de Reconhecimento da Força Expedicionária Brasileira, comandado pelo então Capitão Plínio Pitaluga, passando pelo emprego dos Esquadrões de Cavalaria Mecanizado nas Operações sob a égide das Organizações das Nações Unidas (especialmente no Haiti), pelo emprego nas Operações de Garantia da Lei e da Ordem e Pacificação no Rio de Janeiro e pelo emprego nas Operações na faixa de fronteira.

**Palavras-chave:** Cavalaria. Mecanizada. Exército.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em História Militar, da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em História Militar.



## 1 INTRODUÇÃO

Desde os seus primórdios a arte da guerra contempla a superioridade de informações como um dos fatores críticos para a obtenção de um resultado decisivo nos campos de batalha. Para isso os exércitos ao longo do tempo desenvolveram vários vetores de busca de informações, as quais assessorariam os comandantes dos diversos escalões nas suas tomadas de decisão.

A Cavalaria Brasileira possui como características a mobilidade e proteção blindada proporcionadas pelas suas viaturas, a potência de fogo dos seus armamentos orgânicos, a ação de choque, que é a resultante da combinação sinérgica das outras características já elencadas, e um sistema de comunicações amplas e flexíveis, e a flexibilidade, que lhe dão a capacidade de cumprir uma gama de missões peculiares, dentre as quais destaco o reconhecimento em proveito do seu escalão enquadrante.

A clássica missão de reconhecer atribuída à Cavalaria desde os seus primórdios é cumprida, doutrinariamente pela Cavalaria Mecanizada no Exército Brasileiro, a qual opera sob as diretrizes de uma doutrina genuinamente brasileira, adaptada as necessidades e especificidades nacionais. Organizada em 4 (quatro) brigadas distribuídas na fronteira com o Paraguai, Argentina e Uruguai e subunidades que operam em proveito de brigadas de diferentes naturezas, a Cavalaria Mecanizada é equipada com meios que são vetores de modernidade e tecnologia militar de ponta.

Ao longo dos anos a Cavalaria Mecanizada teve de ser idealizada, equipada e instruída. Desde a Segunda Guerra Mundial quais foram as modificações ocorridas na Cavalaria Mecanizada até o início do Séc. XXI? Essa é a pergunta chave que norteará os estudos para o presente trabalho.

Ressalto ainda, que dar visibilidade à evolução da Cavalaria Mecanizada é de extrema importância para os profissionais da guerra, sejam eles militares ou civis, que tenham interesse em entender os avanços que legaram o que é a importante arma ligeira do Exército Brasileiro. Mais importante ainda é entender as dificuldades em se manter atualizada uma fração, que exige meios específicos e de alto valor agregado, para isso é preciso conhecer o passado, para entender o presente e assim melhor planejar o futuro.



Quanto a abordagem do problema a pesquisa foi qualitativa, enfocando as mudanças na doutrina, organização, adestramento, material e infraestruturas que influenciaram a evolução da Cavalaria Mecanizada brasileira desde a Segunda Guerra Mundial com o emprego do 1º Esquadrão de Reconhecimento da Força Expedicionária Brasileira, comandado pelo Capitão Plínio Pitaluga passando pelo emprego dos Esquadrões de Cavalaria Mecanizado nas Operações sob a égide das Organizações das Nações Unidas (especialmente no Haiti), pelo emprego nas Operações de Garantia da Lei e da Ordem e Pacificação no Rio de Janeiro e pelo emprego nas Operações na faixa de fronteira.

Primeiramente foi delimitado o problema, tendo como objeto de pesquisa as modificações ocorridas na Cavalaria Mecanizada no espaço temporal do pós-Segunda Guerra Mundial. Após foi realizada a revisão bibliográfica buscando delimitar as fontes a serem pesquisadas, haja visto a grande diversidade de livros e artigos já publicados referente ao assunto.

A pesquisa foi feita na bibliografia já escrita sobre o tema englobando a leitura e compreensão analítica de livros, artigos, teses, manuais, documentos entre outros.

O campo de pesquisa abrangeu documentos, bibliografias e internet, sendo as técnicas e instrumentos de coleta de dados a consulta aos mesmos.

Logo, a seguir serão apresentados os resultados da pesquisa com uma discussão analítica sobre os reflexos que a história legou para a atual Cavalaria Mecanizada do Exército Brasileiro.



## 2 A CAVALARIA MECANIZADA

### 2.1 Origens e organização

Desde os remotos tempos, muito se escreveu sobre os bravos feitos da Cavalaria de todas as épocas. Montado sobre o dorso do cavalo, muitos generais alcançaram a glória e deixaram seus nomes nos anais da história pelos feitos de suas Cavalarias. Contudo, a evolução da guerra proporcionada pelo avanço tecnológico, transformou e potencializou a arma ligeira, sem nunca perder as suas principais características de emprego no campo de batalhas, como expressou o General *Weygand* no prefácio da edição francesa do livro *Sabre Au Point*

[...] seja qual for a evolução que o porvir lhe reserve, existirá sempre uma Cavalaria, isto é, uma Arma mais rápida que o conjunto do corpo de batalha, cuja missão será reconhecer, manobrar e perseguir, e que, levada pelo cavalo ou pela máquina, encontrará sempre o sucesso na audácia, na velocidade, na surpresa; Arma que em suma, deverá sempre ostentar o espírito cavaleiro com tudo que este espírito encerra: decisão, lealdade, elegância no uniforme e no caráter, amor aos lances perigosos[...] (MARQUES, 2003, p 308)

No Exército Brasileiro (EB) a Cavalaria é dividida em:

2.1.1 Regimentos Carros de Combate: são a força de choque EB, dotados de carros de combate *Leopard 1 A5* possuem como características a potência de fogo, a proteção blindada e a ação de choque, vocacionados para as ações ofensivas;

2.1.2 Regimentos de Cavalaria Blindados: são a reserva das Brigadas de Cavalaria Mecanizadas, compostos por forças tarefa de fuzileiros blindados e carros de combate, são na sua essência, peças de manobra que aumentam o caráter ofensivo das Brigadas de Cavalaria Mecanizadas;

2.1.3 Regimentos de Cavalaria de Guarda: são os herdeiros da cavalaria hipomóvel, possuem como missão o cerimonial militar e ações voltadas para o controle de distúrbios civis, usando as tradicionais formações a cavalo;

2.1.4 Regimentos de Cavalaria Mecanizado: são as peças de manobra da Brigada de Cavalaria Mecanizada, compostos por pelotões extremamente flexíveis que possuem como vocação o emprego em missões de reconhecimento e a segurança;

2.1.5 1º Esquadrão de Cavalaria Paraquedista: é uma organização militar única, orgânica da Brigada de Infantaria Paraquedista e é equipado e empregado de forma



peculiar para potencializar as ações que envolvem flexibilidade e rapidez da Brigada Paraquedista;

2.1.6 23º Esquadrão de Cavalaria de Selva: é também uma unidade peculiar e única, ainda em desenvolvimento doutrinário para dar maior flexibilidade e ação de choque à 23ª Brigada de Infantaria de Selva; e

2.1.7 1º Esquadrão de Cavalaria Leve (Aeromóvel): outra unidade singular com a diferença de, além de seus meios terrestres de combate, possuir a capacidade de empregar meios aeromóveis em operações.

Observa-se as diversas faces da Cavalaria do EB, porém como o objeto de estudo é a Cavalaria Mecanizada, vê-se que o Regimento de Cavalaria Mecanizado (RCMec)

[...] é equipado, organizado e instruído para cumprir, principalmente, missões de reconhecimento e segurança, realiza, também, operações ofensivas e defensivas, no cumprimento de suas missões de reconhecimento e segurança ou como elemento de economia de força. (BRASIL, 2002, p )

## **2.2 O 1º Esquadrão de Reconhecimento da Força Expedicionária Brasileira**

O marco inicial do estudo foi a atuação do então capitão Plínio Pitaluga com o seu 1º Esquadrão de Reconhecimento nos campos da Itália, ocasião em que o Marechal Mascarenhas de Moraes, comandante da Força Expedicionária Brasileira (FEB) escreveu:

O cavalariano brasileiro do nosso Esquadrão de Reconhecimento, herdeiro das virtudes guerreiras de Osório e Andrade Neves, alí esteve, intrépido e audaz, ora precedendo o infante nas ações de descoberta e na perseguição, ora junto a ele, peito colado ao chão e dedo no gatilho, pronto a repelir o inimigo que ousasse se aproximar. (Moraes, 1984)

Para entender a gênese do 1º Esquadrão de Reconhecimento faz-se mister uma breve regressão histórica analisando o alinhamento doutrinário Brasil – Estados Unidos da América. O Brasil contratou em 1924 a Missão de Instrução de Artilharia de Costa (MIAC) junto aos Estados Unidos da América e renovou o contrato em 1936. A partir de novembro de 1938, a nova política de defesa do hemisfério fez com que os planejadores militares dos EUA passassem a enxergar a importância do Brasil, pois a vulnerabilidade militar do nordeste brasileiro era flagrante e sua ocupação ameaçaria as defesas estadunidense ao sul e no Caribe.



O ponto alto da aliança Brasil-EUA deu-se com a criação de comissões militares conjuntas. O acordo assinado em 23 de maio de 1942 para planejar e executar futuras operações militares previa a criação de duas comissões: a *Joint Brazil United States Defense Commission* – JBUSDC (Comissão Conjunta de Defesa Brasil-Estados Unidos- CCDBEU) com sede em Washington, e a *Joint Brazil United States Military Commission* – JBUSMC) Comissão Militar Conjunta Brasil Estados Unidos – CMCBEU), com sede no Rio de Janeiro. No que se refere as negociações militares, o resultado da criação das comissões foi o comprometimento dos EUA em financiar com até US\$ 200(duzentos) milhões via *Lend Lease* a aquisição de material militar para as forças armadas brasileiras, tanto para compra de armas e munições, quanto de insumos para a produção bélica nacional.

Com a Segunda Guerra Mundial deflagrada, a França ocupada e a declaração de guerra pelo Brasil ao Eixo após o afundamento de navios brasileiros por submarinos alemães, são aprovadas resoluções entre 1942 e 1944 que, após serem submetidas a estudo na comissão em Washington, criaram a Força Expedicionária Brasileira (FEB) com 03 Divisões de Infantaria e apoio aéreo, armadas e supridas pelos EUA, regulamentava a FEB sob o comando dos EUA em operações além mar. Em 09 de agosto de 1943, pela Portaria Ministerial nº 4.744, publicada em boletim reservado de 13 do mesmo mês, foi estruturada a tropa expedicionária, baseada no modelo do exército norte-americano, constituída pela 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (DIE) e por órgãos não divisionários. Assim nascia a concepção do 1º Esquadrão de Reconhecimento Motomecanizado.

Ainda durante a fase de estruturação da FEB vários oficiais brasileiros foram enviados aos EUA para participar de cursos em bases militares norte-americanas. Em sua maioria, esses oficiais passaram três meses na Escola de Comando e Estado Maior do *Fort Leavenworth*, no estado do Kansas. Esse estágio permitiu que os oficiais brasileiros se familiarizassem com a doutrina militar norte americana. Orientados no sentido de movimentos rápidos e audaciosos, altamente motorizados, o novo método tinha por objetivo reduzir as marchas a pé e a utilização de cavalos.

Com a criação da 1ª DIE em fins de 1943, o 2º Regimento Moto-Mecanizado, então sediado no Rio de Janeiro, recebeu ordem para preparar um dos seus esquadrões

para a campanha na Itália, assim foi designado o 3º Esquadrão de Reconhecimento e Descoberta. Com a publicação no Boletim Reservado do Exército nº22 de 28 de dezembro de 1943 cria-se o 1º Esquadrão de Reconhecimento da 1ª DIE.

A unidade de reconhecimento da Força Expedicionária Brasileira era constituída por equipamentos leves e de alta mobilidade, basicamente os famosos *Jeeps* *Wills* MB e Ford GP de ¼ de Tonelada, tração 4x4 e os igualmente conhecidos veículos leves 6x6 *Greyhound*. O 1º Esquadrão de Reconhecimento possuiu um efetivo médio de 170 homens entre Oficiais e Praças. Em termos de equipamentos o 1º Esquadrão somava; 15 M8 6x6 *Greyhound*, 24 *Jeeps* ¼ Ton, 5 Semi-lagartas M3 e M3A1, 1 Caminhão GMC 2 ½ Ton, 1 *Dodge* ¾ Ton WC51 e 7 reboques diversos, a maioria ¼ Ton. As Seções (Pelotões) eram formadas por 3 veículos 6x6 *Greyhound* e 6 jipes de ¼ de tonelada, 3 equipados com metralhadoras ponto 30 e 3 equipados com morteiros de 60 mm. Todo material do Esquadrão foi recebido dos EUA na Itália e devolvido no fim da missão. A configuração das seções (pelotões) pode ser observada na figura a seguir:

Figura 1 – Configuração de uma Seção



Fonte: PEREIRA, 2016.

Os *Greyhounds*, eram equipados com canhões anti-tanque de 37 mm e com metralhadoras ponto 30 polegadas e ponto 50 polegadas (12,7 mm). Esse tipo de armamento leve não lhes permitia o engajamento com unidades mecanizadas inimigas, já que, pelo final da guerra, quando a FEB se juntou aos exércitos aliados, estas tinham um



poder de fogo muito superior além de uma blindagem praticamente invulnerável ao dessas unidades leves que lutavam no estilo “bater e correr”, fiando-se na manobrabilidade e na velocidade de seus veículos para escapar de situações de risco, mas, diante da infantaria, seu poder de fogo lhes dava uma boa chance de sobrevivência.

A 1ª missão de guerra recebida pelo 1º Esquadrão de Reconhecimento, foi em Vechiano, em 12 de setembro de 1944 e a última se deu em 12 de maio de 1945, sendo que as principais missões cumpridas pelo Esquadrão foram: Reconhecimento, Segurança (ocupação de postos de vigilância), aproveitamento do êxito (perseguição) e patrulhas a pé. Os combates mais importantes aconteceram em: Massarosa-Camaiore, Gaggio Montano- Porreta Terme, Montese-Zocca, Marano Sullpanaro-Riola e Collechio-Fornovo.

O legado de uma gama muito grande de aprendizado nos campos de batalha da Itália deu origem a uma nova mentalidade dentro do Exército, principalmente no emprego de veículos blindados 6x6 que perdura em pleno Séc XXI.

### **2.3 Mecanização x Tradição: um atraso para a Cavalaria**

Todavia a mecanização do Exército não acompanhou o que vinha ocorrendo mundo afora no pós-Segunda Guerra Mundial. Muito do atraso em relação a adoção dos novos meios blindados, que fariam a Cavalaria Mecanizada surgir, deu-se pela oposição de um grande número de oficiais que defendiam a continuação da Cavalaria hipomóvel, assim nos esclarece o coronel Elonir José Savian

Não obstante, os defensores da tradição argumentavam pela permanência da cavalaria hipomóvel, que seria mais apta do que as forças mecanizadas para cumprir missões em determinados tipos de terrenos. O capitão Obino Lacerda Alvarez salientava que por ocasião das chuvas, o terreno revolvido por viaturas transforma as estradas em lamaçais, e o mais modesto curso de água torna-se um obstáculo ao movimento motorizado, pela ausência de pontes e pontilhões. O major Arold Ramos de Castro, por sua vez, ressaltava que a cavalaria hipomóvel, no teatro de operações oriental deu pleno curso as suas características de “arma dos espaços livres”. Pois combateu e manobrou a cavalo, tirando integral partido das condições climáticas e topográficas desfavoráveis aos modernos engenhos mecanizados.

[...]Infere-se, assim, que os adeptos da modernização ressaltavam aperfeiçoamentos nos veículos mecanizados e a possibilidade deles transporem os terrenos brasileiros. Salientavam também a extrema mobilidade demonstrada pelas forças mecanizadas na II Guerra Mundial. Os defensores da tradição, entretanto, viam os veículos mecanizados como poucos confiáveis e com sérias limitações sob condições climáticas e topográficas desfavoráveis. Por isso, defendiam a permanência da cavalaria hipomóvel, que diziam apta



para atuar em qualquer terreno, como ocorrera no leste europeu, na II Guerra Mundial. (SAVIAN, 2014)

Superadas as diferenças e com a empresa Engenheiros Especializados S.A. (ENGESA) no Brasil produzindo os veículos blindado de transporte de pessoal EE-11 Urutu e EE-9 Cascavel como um substituto para o Brasil da velha frota de M8 *Greyhounds*, no início dos anos 1970 a Cavalaria Mecanizada teve sua primeira evolução após a Segunda Guerra Mundial modernizando sua frota e adequando estruturas.

O Pelotão de Cavalaria Mecanizado passou a contar com um grupo de exploradores composto por 04 (quatro) viaturas *Jeeps* ¼ Ton, uma seção de carros com 02 EE-9 Cascavel, um grupo de combate transportados pelo EE-11 Urutu e uma peça de apoio com morteiro 81mm transportado pelo blindado EE-11 Urutu somando um efetivo de 37 (trinta e sete) homens. O Esquadrão era composto por 03 Pelotões e uma Seção de Comando. A doutrina de emprego manteve-se a mesma utilizada nos campos de batalha na Itália durante a Segunda Guerra, porém os meios de combate após a década de 70 tiveram uma evolução satisfatória.

Vale ressaltar que nenhuma fração de Cavalaria Mecanizada foi efetivamente empregada em missão real, empregando a doutrina da época após receber os novos meios.

#### **2.4 Haiti: uma quebra de paradigmas**

Após a Segunda Guerra Mundial momento em que a doutrina militar brasileira teve uma significativa mudança vindo a alinhar-se a doutrina norte americana, passaram-se aproximadamente 75 anos até chegar na segunda década do Séc XXI, onde a Cavalaria Mecanizada vem sendo empregada e modernizada agregando capacidades e desenvolvendo técnicas, táticas e procedimentos de combate genuinamente brasileiros. A Cavalaria Mecanizada teve uma evolução lenta até a década de 1970, onde a indústria nacional veio a desenvolver os blindados que foram empregados, já no Século XXI, em diversas missões como as operações de garantia da lei e da ordem, principalmente no estado do Rio de Janeiro, operações na faixa de fronteira, e operações de paz sob a égide da Organização das Nações Unidas (ONU), principalmente no Haiti, experiência sobre a qual o professor Expedito escreveu:

Ajudou a compreender o emprego, a utilização e a importância na produção de diversos itens, desde munições não letais até modificações em carros blindados para emprego em área urbana[...] Com relação ao emprego das viaturas blindadas de transporte de pessoal VBTP EE-11 Urutu, levando-se em consideração a idade dos veículos e seu conceito a época em que foram



projetados e produzidos (final da década de 1970 e as de 1980 a 1990), estão atendendo às exigências do momento. No entanto, apresentam algumas deficiências, a serem corrigidas nas próximas versões da nova família de blindados média sobre rodas, que se encontra em desenvolvimento[...] vários deles foram sendo solucionados a partir de nossa experiência local e com o apoio de empresas e do próprio Exército, à medida que surgiam as demandas. (BASTOS, 2012)

Em 29 de maio de 2004 pisaram em Porto Príncipe os primeiros brasileiros que cumpriria missão em solo haitiano. A Resolução 1542 do CSNU3, de 30 de abril de 2004, de forma sintética, instituíu a missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH) e determinava o emprego de tropas sob a égide do Capítulo VII da Carta da ONU, uma novidade para o Brasil, estabelecendo as seguintes tarefas prioritárias (mandato): manutenção de um ambiente seguro e estável; apoio ao processo político; e respeito aos direitos humanos. A tropa enviada contava com uma fração de Cavalaria, adaptada à missão, porém com as mesmas características de origem.

A dotação de Cavalaria no BRABAT, que era o Batalhão enviado pelo Brasil, era de um Esquadrão de Fuzileiros Mecanizado e dentre a gama de missões recebidas pelo esquadrão pode-se citar as seguintes: patrulhamento em áreas de risco, ocupação de pontos fortes, reconhecimentos, desaferramento de tropas engajadas, ocupação de posições de bloqueio, vigilância de zona de ação, monitoramento de manifestações, escoltas de comboios e autoridades, desobstrução de vias públicas e apoio às ações da Polícia Nacional do Haiti, dentre outras. O efetivo do Esquadrão era de 150 militares, sendo integrado por 4 pelotões de fuzileiros mecanizados e uma seção de comando. Contavam ainda com 16 Viaturas Blindada de Transporte de Pessoal URUTU, dois caminhões de 5 Ton, uma 02 Vtr Land Rover, além de uma ambulância equipada com material de saúde.

De uma maneira geral, a forma de atuação do Esquadrão na missão de paz do Haiti seguia o seguinte padrão: como tarefa inicial eram empreendido esforços para montagem e atualização de banco de dados, entre os elementos essenciais de informação destacavam-se o levantamento das lideranças locais, a identificação das necessidades da população, as áreas de homizio de elementos de forças adversas, locais de reunião, principais vias de acesso utilizadas para deslocamentos de gangues, bem como os limites territoriais entre elas, dentre outros. Após as atividades iniciais de levantamento de dados, cada pelotão recebia um determinado setor de patrulhamento de acordo com um planejamento do oficial de operações do esquadrão. O Comandante de Pelotão (Cmt Pel)



distribuía uma zona de ação para cada Grupo de Combate (GC) blindado, realizando rodízios periódicos entre as frações. No respectivo setor de responsabilidade de cada pelotão eram informados os locais onde estes deveriam mobilizar pontos fortes temporários e onde deveriam concentrar seus esforços a fim de obter informações de acordo com os elementos essenciais de informação recebidos, para tanto, os GC eram reunidos e iniciava-se o patrulhamento a pé com a finalidade de reconhecer os becos e vielas da área de operações.

Esse modelo de atuação viria a influenciar muitas operações a partir de então, pois percebeu-se que as características dos conflitos evoluíram, o ambiente volátil, incerto, complexo e ambíguo, a opinião pública associada às redes sociais e a presença de atores não estatais no conflito demandariam uma evolução na doutrina, nos meios e no emprego da Cavalaria Mecanizada, conforme atesta o então Cap Giovanini:

A MINUSTAH tem sido uma excelente oportunidade de adestramento para nossas frações blindadas, uma verdadeira escola de comando das pequenas frações, onde tenentes e sargentos estão podendo exercitar sua liderança e conhecimento tático em prol da manutenção da paz e da segurança daquela população. No Haiti, a tropa blindada brasileira vem mostrando seu valor e demonstrando a importância do judicioso emprego de blindados em uma missão dessa natureza. As preciosas lições aprendidas em solo haitiano certamente serão empregadas para melhorar os padrões operacionais das pequenas frações blindadas e mecanizadas do exército Brasileiro. (Santos, 2007)

## **2.5 Garantia da Lei e da Ordem e Pacificação: legados da MINUSTAH**

A criminalidade nas grandes cidades e a dificuldade das forças de segurança em manter o cidadão a salvo gerou o acionamento das Forças Armadas para o emprego quase que banalizado em Operações de Garantia da Lei e da Ordem no início do século XXI. As de maior envergadura e visibilidade nacional e até internacional foram as Operações Arcanjo, nos Complexos do Alemão e Penha e São Francisco na comunidade da Maré, todas na cidade do Rio de Janeiro-RJ.

A operação do Complexo do Alemão se deu em 26 de novembro de 2010, dois dias após o governador do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio de Oliveira Cabral Santos Filho, ter encaminhado ofício ao presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, solicitando o emprego das tropas militares. Na ocasião, o presidente Lula deu o aval e a solicitação recebeu apoio do então ministro da defesa Nelson Jobim.



A ocupação da localidade teve por missão colaborar com a manutenção da ordem pública do estado do Rio de Janeiro, pacificar a região compreendida pelas comunidades dos Complexos da Penha e do Alemão, conduzindo operações tipo polícia, operações psicológicas e atividades de inteligência e comunicação social. A atuação de tropas do Exército contou com a participação de 8.764(oito mil setecentos e sessenta e quatro) militares no período de dezembro de 2010 a junho de 2012.

Em 5 de abril de 2014 iniciava-se a Operação São Francisco na comunidade da Maré na cidade do Rio de Janeiro.

O planejamento e o emprego da Cavalaria Mecanizada em ambas operações foram concebidos com base nos ensinamentos colhidos durante a missão do Haiti, visto que muitos militares que participaram da MINUSTAH, também participaram das missões de Pacificação e, salvo algumas peculiaridades, o emprego era muito semelhante.

## **2.6 Operações na faixa da fronteira: SISFRON o futuro da Cavalaria Mecanizada**

Em meio a uma demanda crescente do Exército em ações de Garantia da Lei e da Ordem, um déficit de material de emprego militar e uma aparente tranquilidade geopolítica que não sinaliza qualquer confronto armado no curto e médio prazo a Cavalaria Mecanizada passa por mais uma transformação. Assim como no pós-Segunda Guerra Mundial com a transformação doutrinária e de material, na década de 1970 a transformação e modernização do material, hoje vê-se mais um movimento de mudança. Ao que pese a falta de mudança nas publicações oficiais de manuais e cadernos de instrução, vê-se uma mentalidade de emprego diferente.

Contemplada pelo programa estratégico Sistema Integrado de Monitoramento de Fronteiras (SISFRON), a 4ª Brigada de Cavalaria Mecanizada evoluiu consideravelmente com a aquisição de meios de emprego militar com alta tecnologia agregada e emprega seus regimentos no combate a ilícitos transfronteiriços em Operações em Faixa de Fronteira com expressivos resultados. O SISFRON é um sistema de integração de monitoramento da fronteira utilizando-se sensores, câmeras, viaturas, radares, estações meteorológicas, tendo ainda plataformas para a sua instalação.





Plenamente adaptada às peculiaridades do combate moderno e equipada com os meios do SISFRON a 4ª Brigada de Cavalaria Mecanizada desponta como uma alternativa para as mudanças necessárias para acompanhar a evolução dos conflitos e manter a higidez da Cavalaria Mecanizada.

---



### 3 CONCLUSÕES

A evolução da Cavalaria Mecanizada deu-se de forma paulatina e acompanhou as mentalidades em sua época, não de forma linear, mas por saltos evolutivos conforme a necessidade impunha. Limitada por fatores econômicos devido ao seu alto custo de manutenção, teve seu batismo de fogo na Segunda Guerra Mundial e de lá pra cá vem se adaptando as necessidades e realidades do Exército Brasileiro.

No pós-Segunda Guerra Mundial observou-se que, devido uma mentalidade excessivamente conservadora e romântica, a Cavalaria Mecanizada encontrou óbices para manter-se atualizada. Alinhada com a mentalidade da época, contribuiu para o retardo na evolução da Cavalaria Mecanizada alguns outros fatores como a situação econômica do país à época, as condições das vias e dos meios de transporte, as dificuldades de manter um apoio logístico adequado, as ameaças internas como os focos de guerrilha urbana e rural os quais pouco exigiu o emprego clássico da Cavalaria.

Com a produção de produtos de defesa pela empresa ENGESA, a partir da década de 1970 e um alinhamento de projetos graças ao governo militar, houve um avanço substancial que perdurou até um novo emprego e uma nova demanda da Cavalaria.

Com a participação brasileira em missões sob a égide da ONU e a crescente demanda por Operações de Garantia da Lei e da Ordem, percebeu-se a necessidade de adaptar novamente às demandas impostas pela conjuntura das operações. O teatro de operações predominantemente urbano, a presença massiva de não combatentes nas áreas conflagradas, o predomínio do Estado de Direito e da situação de normalidade obrigando os soldados a agirem conforme regras de engajamento específicas e sob a constante vigilância das câmeras de aparelhos eletrônicos ligados à internet com acesso irrestrito às mídias sociais e o confronto com atores não-estatais caracterizados por grupos armados sejam traficantes, milicianos, guerrilheiros ou até mesmo terroristas, são componentes que diferem substancialmente do ambiente enfrentado pelo Esquadrão comandado pelo Capitão Plínio Pitaluga nos campos da Itália durante a Segunda Guerra Mundial.

Tais diferenças exigiram uma nova configuração para as velhas necessidades do emprego da Cavalaria Mecanizada. Para manter as características no emprego da Cavalaria, novos meios foram agregados à tropa e novas formas de atuação materializada



por técnicas, táticas e procedimentos, foram adotados. As capacidades de monitoramento e observação, tiro seletivo, visão noturna e proteção do combatente foram potencializadas graças aos programas estratégicos do Exército Brasileiro como por exemplo o SISFRON.

Conclui-se, portanto, que apesar de óbices advindos de forças internas e externas ao Exército Brasileiro, a Cavalaria Mecanizada segue evoluindo não de forma linear e contínua, mas de forma esporádica e exponencial conforme as necessidades e encontra-se presente como uma peça de manobra importante para a solução dos conflitos.



## REFERÊNCIAS

- BASTOS, Expedito Carlos Stephani. **Blindados no Brasil - Um longo e árduo aprendizado. V I e II.** Juiz de Fora-MG: UFJF/Defesa, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Blindados no Haiti – MINUSTAH: uma experiência real.** Juiz de Fora-MG: UFJF/Defesa, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Engesa EE-9 Cascavel – 40 anos de combates 1977-2017.** Juiz de Fora-MG: Edição do Autor, 2017.
- BENTO, Cláudio Moreira et GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. **História da 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada – Brigada Patrício Corrêa da Câmara.** Porto Alegre-RS: Palloti, 2002.
- BENTO, Cláudio Moreira, GIORGIS, Luiz Ernani Caminha et FONTTES, Carlos. **História da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada – Brigada José Luiz Menna Barreto.** Barra Mansa-RJ: Irmãos Drumond, 2010.
- BRASIL, Estado Maior do Exército. **Manual de Campanha – A Cavalaria nas Operações.** EB70-MC-10.222. 1 ed. Brasília. DF: Estado Maior do Exército, 2018.
- \_\_\_\_\_. **Manual de Campanha – Brigada de Cavalaria Mecanizada.** C 2-30. 2 ed Brasília. DF: Estado Maior do Exército, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Manual de Campanha – Doutrina Militar Terrestre.** EB20-MF-10.102. 1 ed Brasília. DF: Estado Maior do Exército, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Manual de Campanha – Operações.** EB70-MC-10.223. 5 ed Brasília. DF: Estado Maior do Exército, 2017.
- \_\_\_\_\_. **Manual de Campanha – Regimento de Cavalaria Mecanizado.** C 2-20. 2 ed Brasília. DF: Estado Maior do Exército, 2002.
- FONTTES, Carlos. **8º Regimento de Cavalaria Mecanizado “Regimento Conde de Porto Alegre” – Histórico.** 2 ed. Santa Maria-RS: Palloti, 2012.
- MAGALHÃES, João Batista. **A evolução militar do Brasil.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.
- MARQUES, Geraldo Lauro. **Era uma vez na cavalaria... sempre a audácia, a coragem, o arrojo, a carga.** 2 ed. Porto Alegre-RS: Alcance, 2003.



MATTOS, Carlos de Meira. **O marechal Mascarenhas de Moraes e sua época.** Rio de Janeiro-RJ: Biblioteca do Exército, 1983.

MORAES, J.B. Mascarenhas de. **A FEB pelo seu comandante.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005.

\_\_\_\_\_. **Memórias.** 2 ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

PADILHA, Luiz. **O SISFRON e o Custo da Violência.** Defesa Aérea e Naval, 2016. Disponível em: < <https://www.defesaareanaval.com.br/exercito/o-sisfron-e-o-custo-da-violencia>>. Acesso em: 28 de abril de 2020.

PEREIRA, Guilherme **A Força Expedicionária Brasileira e a Moto-mecanização de nosso Exército.** In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE A PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL 5. 2016, Anais... Resende

SAVIAN, Elonir José. **Haverá sempre uma cavalaria: tradição e modernização no processo de evolução tecnológica do Exército Brasileiro.** Resende,RJ: Edição do Autor, 2014.

SULLA, Giovanni. **Heróis do Brasil: História fotográfica da Força Expedicionária Brasileira na Itália (1944-45).** 2 ed. Itália: Moderna, 2005.